
Álvaro Siza e a cidade como arquitectura

EURAU'12

ABSTRACT. The essay aims to reflect on Álvaro Siza's ideas on City Building, through the analysis of his research and design process, coming either from his designs as from his texts. It aims to understand the correlation between his thinking and his practice, looking forward to establishing a method to further develop our ongoing study of the building of the Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

KEYWORDS. Siza, FAUP, Porto, Cidade, SAAL, Periferia

Manuel Montenegro*

**Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*

mmontenegro@arq.up.pt

Problema 1.

A periferia central. A cidade da democracia.

A curta experiência do processo SAAL¹ constitui um importante contributo para o entendimento do conceito de fragmento nas intervenções urbanas em áreas consolidadas ou de transição. No Porto, onde grande parte da habitação degradada se localizava em áreas do centro da cidade (ilhas), lutava pela permanência das populações nesses locais, em oposição à sua deslocação para novos bairros de habitação económica na periferia urbana². Com a experiência do processo SAAL/Norte, no Porto, questionam-se as opções tipológicas dos projectos dos bairros camarários e as sistemáticas rupturas ou ausência de princípio ordenador de malha urbana, que estas intervenções criavam. Nas propostas apresentadas pelas brigadas técnicas com novas habitações, dominavam as tipologias de habitação unifamiliar, associadas em banda, respeitando a tradição de habitação unifamiliar que sempre caracterizara a cidade do Porto, independentemente da condição social. Em várias intervenções³ são propostas soluções estruturadas de articulação com as construções preexistentes e respectiva malha urbana envolvente, reinterpretando a relação da cidade operária, invisível, com a cidade burguesa.

As operações SAAL foram para Álvaro Siza um importante momento de síntese do seu pensamento sobre a cidade. São Vitor (1974-77) e Bouça (1973-77) constituem-se como propostas claras de reconversão desta hierarquia tradicional da cidade burguesa oitocentista, que mantinha a população das ilhas segregada e ausente da imagem da cidade, numa cidade onde as tipologias da habitação operária se constituíam o elemento base do tecido urbano⁴.

A tipologia fundamental para o crescimento populacional da cidade do Porto oitocentista, a ilha⁵, ganha finalmente importância para constituir imagem [visível] da cidade, cruzada de forma livre e operativa com algumas estratégias derivadas do período heróico do Movimento Moderno, como as do Bairro de Kiefhoek de J. J. P. Oud ou dos Siedlungen alemães.

O exercício, em ambos os casos, S. Vitor e Bouça, são variações sobre o tipo da ilha, procurando preservar o carácter da tipologia através da escala, solução de acesso, de distribuição, de construção, de relação, etc., numa clara "crítica em relação ao grande planeamento urbano de tradição moderna [que se pretende aqui substituir por um] plano constantemente aferido e alterado pela sua própria aplicação, o plano menos rígido, mais fragmentado, mais pragmático, tendo em conta a conflitualidade de interesses que rege a cidade contemporânea"⁶ numa intervenção *bottom-up* que representa o desejo de "reformular progressivamente a cidade actual, sem negligenciar a sua continuidade morfológica"⁷.

O projecto de intervenção em São Vitor é realizado em dois quarteirões adjacentes à Praça da Alegria, dos dois, foi mais desenvolvido (e parcialmente construído) o projecto em torno da Travessa da Sra. das Dores, procurando redesenhar os espaços comuns (públicos e semi-públicos) e colmatar e recuperar o tecido através de "intervenções diferenciadas - construção em terrenos livres (...), construção em terrenos periféricos nunca edificados (...), reconstrução aproveitando fundações ou muros de edifícios em ruínas (...), e recuperação de edifícios"⁸, e introduzindo melhoramentos pontuais, nomeadamente através de pequenos equipamentos, apenas construídos no caso da Bouça, na segunda fase da intervenção, em 2005. O objectivo final seria inscrever os circuitos dos interiores do quarteirão na rede urbana da cidade⁹, algo que Álvaro Siza retomará como tema na intervenção do Chiado na subida para as ruínas do Carmo ou no Plano de Pormenor de Matosinhos Sul, em que os interiores dos quarteirões deveriam ser espaços

semi-públicos das 8:00 às 20:00, com frentes de comércio apenas voltadas para esses espaços¹⁰.

As primeiras propostas seguem de forma muito próxima a morfotipologia das ilhas, abandonadas (após a "reação negativa por parte da associação de moradores"¹¹) em favor de uma semelhança de princípios e carácter, com alguma distância formal, que utiliza a história como operador, articulando-se com as pré-existências do lugar, em especial a ruína do muro que mantém a escala dos espaços de acesso à semelhança das passagens pré-existent e da dimensão familiar de um acesso a uma ilha operária¹², respeitando a sequência de passagens entre o espaço público e o espaço da casa individual através de um espaço comunitário semi-público para o qual se prolonga o interior das casas através dos pequenos muros de meação, o que se repete também na Bouça, com as escadas exteriores do piso térreo e a galeria de acesso no segundo piso.

A cidade faz-se através do reconhecimento crítico das sucessivas inscrições existentes no lugar, porque "a ideia está no "sítio", mais do que na cabeça de cada um, para quem [quiser e] souber ver"¹³, tomando sempre as necessárias liberdades que decorrem do reconhecimento que a mesma cidade é material aberto, disponível à reinterpretação e transformação constantes. A unidade possível faz-se através da acumulação e articulação cuidada de fragmentos de tempos e espaços, seguindo a operatividade da história permanentemente proposta por Aldo Rossi e reforçando a identidade morfológica destes tecidos pelo recurso constante à memória das ilhas.

Problema 2.

Do centro para a periferia. A expansão da cidade.

A solidez do método teorizado para a abordagem ao problema 1 garante a validade dos mecanismos de projecto num quadro de perda de referências, físicas e mentais, que existiam no centro consolidado do Porto¹⁴. A passagem para a Quinta da Malagueira, entre o que sobra da antiga propriedade agrícola e as ocupações ilegais ou pouco qualificadas, é solucionada através do reconhecimento e valorização dos tímidos sinais que nesse tecido garantem alguma estrutura territorial.

Num conhecido esquisso de reconhecimento da Malagueira elaborado em Março de 1977, Siza anota já os elementos que o apoiarão na estratégia de desenho para a expansão da cidade de Évora. Uma relação com o perfil da cidade histórica, ao fundo, e uma atenção aos sinais de ocupação humana presentes no território, marcados pelos habitantes dos assentamentos ilegais, que procurará integrar. Os caminhos de pé posto e o pequeno tanque de água sob a árvore que, cruzados com a linha de água, estruturam a posição dos dois eixos de espaço público verde à volta dos quais se desenvolve o novo tecido urbano.

É também interessante verificar que a posição a partir da qual Siza escolheu desenhar corresponde sensivelmente à posição central do conjunto da Malagueira¹⁵, onde propõe a implantação da semi-cúpula que permanentemente ensaia construir (sem o ter, até agora, conseguido).

O trabalho arranca, como no SAAL, em processo participativo articulado com a Associação de Moradores¹⁶. O plano de 1200 fogos e respectivos equipamentos complementares é proposto em substituição da segunda fase do plano de finais de 60, parcialmente construído na zona Sul da Quinta da Malagueira e suspenso por Nuno Portas¹⁷.



FIG. 1

Álvaro Siza reequaciona o plano existente fazendo uma aplicação absolutamente contemporânea (que, de resto, já acontece claramente no projecto de São Vitor) de alguns dos princípios em teorização por Christopher Alexander¹⁸. Estamos já muito longe dos princípios que guiaram o desenho dos grandes conjuntos modernos como Brasília ou Chandigarh, onde, segundo Le Corbusier apontou no primeiro esquisso "Le terrain était vide..."¹⁹. Apropria-se dos sinais de ocupação e integra-os numa nova unidade de escala superior, onde o Bairro de Santa Maria desempenha o papel de "núcleo antigo"²⁰ a respeitar, em continuidade, na nova estrutura global da cidade²¹.

A identidade do novo assentamento estrutura-se em torno de três grandes gestos fundacionais: um cruzamento de dois eixos (verdes) que prolongam a lógica de refundação da cidade romana de Eborac²²; a unidade morfológica das habitações unifamiliares evolutivas²³, em variantes de casa-pátio, cujas opções permitem uma relação de escala e imagem com o núcleo de Santa Maria e com a cidade histórica; e a forte presença urbana da infraestrutura de abastecimento - o aqueduto - que, para além de garantir a circulação das redes infraestruturais, introduz os principais momentos de excepção do tecido, hierarquizando frentes e garantindo escalas adequadas no confronto com os grandes espaços livres²⁴.

Problema 3.

Articular um arquipélago de fragmentos ou a cidade como arquitecturas.

A solidez da bagagem trazida das experiências dos anos 70 permite a Siza entrar nos anos 80 com a plena capacidade de fazer cidade a partir de pequenos fragmentos²⁵. No IBA Berlim, o objectivo é coser as feridas abertas pela II Guerra e pelos crescimentos descontrolados e revitalizar os bairros, em continuidade. Toda a teorização responsável pela operação desenvolve-se na convicção que a cidade degradada se poderá reactivar através de operações pontuais de completamento crítico da morfologia de base, que em geral se mantém e respeita. O carácter de somatório de fragmentos, com cada edifício proposto a assumir um forte carácter identitário, formalmente fortemente assumido (talvez numa homenagem a algumas arquitecturas admiradas por Siza na cidade - Taut, Scharoun), procura garantir uma densificação do quarteirão, a reorganização das suas frentes e a utilização criteriosa dos seus espaços interiores, à imagem do que acontece no SAAL, em Matosinhos Sul e no Chiado²⁶. Repete a estratégia que lhe reconhecemos desde as intervenções do SAAL, de síntese de fragmentos autónomos, com grande respeito pelas pré-existências da cidade, utilizando a tensão entre os vários elementos em jogo como o garante da vitalidade dos espaços urbanos.

Foi uma lição que ensaiou aqui e que repetiu em quase todas as suas obras urbanas em contextos exigentes, desde Alcoy a Granada, passando pela Avenida da Ponte II (2000), até a obras mais localizadas e de menor dimensão como a da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, onde procura construir um fragmento de cidade a partir da arquitectura, utilizando estratégias de colonização compulsiva dos espaços públicos e semi-públicos que a rodeiam²⁷. A arquitectura define-se em permanente relação com o espaço urbano envolvente e sugere estratégias de apropriação do mesmo, garantindo a sua vitalidade.

Problema 4.

A estratégia da identidade no regresso ao Centro.

O centro histórico do Porto sofreu um longo processo de adaptação através de sucessivas destruições²⁸.

A inversão desta atitude destrutiva, sistematicamente proposta por personagens exteriores à cidade, relativamente às políticas de intervenção em obras de arquitectura corrente dos centros históricos, inicia-se a partir das reflexões da Escola do Porto e, na prática, com Fernando Távora com o estudo de intervenção sobre a área Ribeira-Barredo dos anos 60 para onde propõe novas metodologias de análise e reabilitação do património corrente da cidade, com a participação e, se possível, manutenção da população residente. Os critérios e metodologias de intervenção dão origem, com a Revolução do 25 de Abril, ao CRUAR²⁹, visando alargar o âmbito a todo o centro histórico da cidade, estando associados ao processo, como consultores e projectistas, Fernando Távora e Álvaro Siza.

Mais recentemente, já após a extinção do CRUAR, Fernando Távora apresenta novamente uma visão inovadora relativamente ao reenquadramento patrimonial da Sé do Porto e da envolvente da Avenida da Ponte, através da pequena intervenção para a reconstrução da Casa dos 24 (1995-2003). Esta intervenção foi utilizada por Álvaro Siza como pedra de toque para a completa redefinição do projecto que tinha realizado para a Avenida da Ponte (1969-73), reproposto em 2000 como reconstrução crítica do tecido demolido nos anos 40-50

do Século XX com o objectivo de garantir novamente a escala de acesso à Sé e a continuidade morfológica entre esta e a Praça da Batalha, de modo a permitir a reposição do eixo Nascente-Poente da Rua Chã . É o mesmo entendimento que justifica a opção de reconstrução crítica do Chiado no seguimento do grande incêndio de 25 de Agosto de 1988. Siza, como na Avenida da Ponte, no SAAL, em Berlim ou na Malagueira, trabalha no reconhecimento dos vários extractos que constituem aquela parte da cidade, no sentido de produzir uma síntese superior à anteriormente existente, uma hiper-realidade que compatibiliza fragmentos potencialmente antagónicos, mantendo a imagem de equilíbrio da cidade histórica consolidada e, desse modo, garantindo a identidade da mesma.

Epílogo.

Solução? A arquitectura como cidade.

Álvaro Siza nasceu (1933) e sempre viveu no Grande Porto. A relação com esta origem moldou a sua prática cívica e de arquitecto, muito através dos problemas que a cidade sempre lhe colocou, com o apoio permanente das respostas ensaiadas a partir da Escola do Porto e de algumas teorizações externas que o acompanharam nos desafios que lhe foram sendo colocados noutros contextos. Trabalha como acção e reacção sobre o contexto em que se inscreve, um pouco à imagem do princípio do segundo homem, em obra aberta, disponível, teorizado em 1967 por Edmund N. Bacon, em *Design of Cities*. Considerando a obra aberta, não como inacabada, mas como fragmentária, ponto permanente de partida para novos acrescentos e novas interpretações. Como Alberti, parece apontar nas suas intervenções (remate da fachada do Palácio Rucelai, fachada lateral do Tempio Malatestiano, etc.), uma vontade permanente de colonização da cidade existente através de uma nova ordem, morfológica, que reorganiza e reinterpreta o contexto onde se insere, valorizando-o.

Siza compreende a impossibilidade (ou a inutilidade) de grandes sínteses unitárias, à imagem da tradição dos assentamentos portugueses, que procuram sempre a cidade possível e não a cidade ideal. A cidade constroi-se agora por sucessivos acrescentos, como um palimpsesto, reconhecendo e valorizando de forma crítica todos os sinais pré-existentes, mas sempre com a consciência que muito existe a melhorar. A coerência atinge-se na resposta adequada das novas peças às narrativas urbanas, explorando todas as possibilidades de relação permanentemente abertas pela arquitectura, quando confrontada com outras arquitecturas. Cidade como relação de arquitecturas. Diálogo aberto, em permanência.

Manuel Montenegro, Arquitecto, Mestre em Arquitectura e Curso Doutoral pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, onde é assistente convidado do Prof. Doutor José Miguel Rodrigues na Unidade Curricular de História da Arquitectura Moderna. Doutorando em Arquitectura na ETH Zurique, sob orientação de Philip Ursprung, onde realiza investigação sobre a Escola do Porto, enquanto edifício e enquanto instituição. Investigação centrada na História da Arquitectura Moderna e Contemporânea, com enfoque na produção portuguesa.

¹Serviço Ambulatório de Apoio Local. Foi constituído por proposta de Nuno Portas, à altura Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, em 1974, visando promover uma resposta às reivindicações populares pelo direito à habitação condigna. Apesar de ter sido extinto em 1976, constitui-se como episódio muito relevante na inversão de estratégia, metodologia, e critérios de intervenção na história da política de habitação social e da cidade.

²vd. BARATA, Francisco, et. al., Porto 1901-2001 in Dicionário de Cidades Einaudi (no prelo): "Desde a década de 50 até à de 70 tinham-se construído em áreas periféricas, 21 bairros de habitação económica, constituídos por blocos de habitação colectiva e algumas torres, envolvendo 8 250 alojamentos, nas freguesias periféricas de Campanhã, Paranhos, Aldoar, Lordelo do Ouro e Ramalde."

³Não só nas de Álvaro Siza, mas também nas de Sérgio Fernandez para o Leal ou de Pedro Ramalho para as Antas, por exemplo.

⁴vd. SIZA, Álvaro, "L'isola proletaria como elemento base del tessuto urbano", in Lotus Internacional 13, Milão, 1976.

⁵vd. TEIXEIRA, Manuel C., "Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das "ilhas" da cidade do Porto" in Sociedade e Território nº 2, Porto, Edições Afrontamento, Fevereiro 1985, p. 77.

⁶COSTA, Alexandre Alves, "1974.1975, o SAAL e os Anos da Revolução" in A arquitectura do Século XX, Portugal (BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried, org.) Munique, Prestel, 1997, p. 66.

⁷in SILVA, Maria Manuel, A ideia de cidade em Álvaro Siza, Porto, FAUP, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011. p. 15.

⁸in SILVA, Maria Manuel, A ideia de cidade em Álvaro Siza, Porto, FAUP, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011. p. 17.

⁹vd. COSTA, Alexandre Alves, "Álvaro Siza" in Álvaro Siza - 1954-1976 (TRIGUEIROS, Luiz), Lisboa, Blau, 1997, p.39.

¹⁰Tanto quanto sabemos, este objectivo foi cumprido em apenas duas intervenções, nos edifícios situados no gaveto da Av. Meneres com a R. Mouzinho da Silveira e no gaveto da R. de Sousa Aroso com a R. Roberto Ivens. Esta parte do plano foi abandonada pela C. M. de Matosinhos.

¹¹in SILVA, Maria Manuel, A ideia de cidade em Álvaro Siza, Porto, FAUP, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011. p. 21.

¹²uma "reactualização incessante do que fomos ontem em função do que somos hoje, deixando em aberto o que quisermos ser amanhã" in COSTA, Alexandre Alves, "Álvaro Siza" in Álvaro Siza - 1954-1976 (TRIGUEIROS, Luiz), Lisboa, Blau, 1997, p.28.

¹³in SIZA, Álvaro, "Um arquitecto foi chamado" in SIZA, Álvaro, Escrits, Barcelona UPC, 1994. p. 69.

¹⁴Entendemos importante repetir o que já é quase um lugar-comum - as invariantes, em Álvaro Siza, são muito mais de método que de forma. Entendemos ser isso que o próprio pretende claramente destacar quando escreve sobre a sua prática de projecto no texto Oito Pontos (SIZA, Álvaro, "Oito Pontos" em Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme nº 159, Out.Nov.Dez. 1983.).

¹⁵Vd. MOLTENI, Enrico, Barrio de la Malagueira. Barcelona, UPC, 1997.

¹⁶in SILVA, Maria Manuel, A ideia de cidade em Álvaro Siza, Porto, FAUP, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011. p. 65

¹⁷in SIZA, Álvaro, Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70, 1998. p. 105.

¹⁸Referimo-nos às publicações de *The Timeless Way of Building, A Pattern Language* e *The Oregon Experiment*. Siza recupera e valoriza os fragmentos naturais e os que sinalizam a ocupação humana e a sua apropriação do território - "rochas emergentes, árvores, muros e caminhos de pé posto, tanques, depósitos e sulcos de água, construções em ruínas, esqueletos de animais." in SIZA, Álvaro, "Évora" in SIZA, Álvaro, *Escrits*, Barcelona UPC, 1994. p. 69.

¹⁹MURO, Carles in MOLTENI, Enrico, Barrio de la Malagueira, Barcelona, UPC, 1997. p. 9.

²⁰SILVA, Maria Manuel, A ideia de cidade em Álvaro Siza, Porto, FAUP, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011. p. 67.

²¹MOLTENI, Enrico, Barrio de la Malagueira. Barcelona, UPC, 1997. p. 12.

²²vd. COSTA, Alexandre Alves, "1974.1975, o SAAL e os Anos da Revolução" in *A arquitectura do Século XX, Portugal* (BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried, org.) Munique, Prestel, 1997, p. 70.

²³Um novo paralelo que pode ser estabelecido com as teorizações de Christopher Alexander.

²⁴"Esta grande estrutura, que atravessa todo o terreno, tem por isso e sobretudo a função de definir uma outra escala" in SIZA, Álvaro, "Évora" in SIZA, Álvaro, *Escrits*, Barcelona UPC, 1994. p. 119.

²⁵Equivalente ao que hoje poderemos chamar Acupuntura Urbana.

²⁶"em Berlim (...) existem grandes logradouros cujo centro não é totalmente privado; (...) É um continuum de espaços muito sensíveis a diferentes formas de utilização, que vão do público ao totalmente privado; são divisões delicadas. Tentei (...) perseguir um reconhecimento profundo dessas condições históricas e também experimentar uma utilização dessa forma de vida particular" in VIEIRA, Álvaro Siza, Álvaro Siza – *Une question de mesure*, Paris, Moniteur, 2008; edição consultada: Álvaro Siza *Uma questão de medida, entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin, Caleidoscópio*, 2009. p. 73.

²⁷Nomeadamente através do desenho das circulações, que atravessam os espaços exteriores.

²⁸vd. BARATA, Francisco, et. al., Porto 1901-2001 in *Dicionário de Cidades Einaudi* (no prelo): Demolição da muralha medieval, do Convento de S. Bento de Avé-Maria para construção da Estação Ferroviária de S. Bento, de áreas de casario para abertura da Rua Mouzinho da Silveira e, mais tarde, das demolições de numerosos quarteirões de habitação para abertura dos acessos à ponte Luís I e para a comemoração do 8.º Centenário da Fundação da Nacionalidade (1940), as intervenções no centro antigo da cidade implicaram sempre amplas demolições - desde as propostas de Barry Parker (1916) até às de Robert Auzelle (1962) passando pelas dos arquitectos italianos M. Piacentini e G. Muzio nos anos 30/40.

²⁹Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo

Bibliografia

BARATA, Francisco, et. al., Porto 1901-2001 *in* Dicionário de Cidades Einaudi (no prelo).

COLENBRANDER, Bernard, Chiado, Lisbon - Alvaro Siza and the Strategy of Memory, Roterdão, NAI, 1991.

COSTA, Alexandre Alves, Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa, Porto, FAUP, colecção seis lições, 1995.

MONEO, Rafael, "Álvaro Siza" em MONEO, Rafael, Inquietud Teórica Y estratégia proyectual en la obra de ocho arquitectos contemporáneos, Barcelona, Actar, 2004

SILVA, Maria Manuel, A ideia de cidade em Álvaro Siza, Porto, FAUP, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, 2011.

VIEIRA, Álvaro Siza; MORAIS, Carlos Campos (ed.), 01 textos: Álvaro Siza, Porto, Civilização Editora, 2009.

VIEIRA, Álvaro Siza; DIAS, Adalberto, Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Percursos do Projecto. Porto, FAUP, 2003.

SIZA, Álvaro, Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70, 1998.

WANG, Wilfried, "Álvaro Siza: Figures and Configurations, Buildings and Projects 1986-1988", New York, Rizzoli (Harvard University), 1988.

Imagens

FIG. 1 – Álvaro Siza. Esquisso de leitura do território envolvente a Évora, onde se viria a instalar o Bairro da Malagueira. Março de 1977.